

Cadernos
IHU ideias

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 20 | nº 328 | vol. 20 | 2022



**Uma abordagem
da filosofia de Miki Kiyoshi**

Fernando Wirtz

Cadernos
IHU ideias

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 20 | nº 328 | vol. 20 | 2022

**Uma abordagem da filosofia de
Miki Kiyoshi**

Fernando Wirtz

Doutor em Filosofia pela Universidade de Tübingen - Alemanha e
Membro do comitê diretor da Sociedade Internacional de Filosofia
Intercultural



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Cadernos IHU ideias é uma publicação periódica e digital do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz
Gerente administrativo: Nestor Pilz

ihu.unisinos.br

Cadernos IHU ideias

Ano XX – Nº 328 – V. 20 – 2022

ISSN 2448-0304 (on-line)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

Conselho editorial: Bel. Guilherme Tenher Rodrigues; Dra. Cleusa Maria Andreatta; Dr. Lucas Henrique da Luz; Dra. Marilene Maia; Dra. Susana Rocca; Dr. Ricardo de Jesus Machado.

Conselho científico: Adriano Naves de Brito (Unisinos, doutor em Filosofia); Angelica Massuquetti (Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade); Berenice Corsetti (Unisinos, doutora em Educação); Celso Cândido de Azambuja (Unisinos, doutor em Psicologia); César Sanson (UFRN, doutor em Sociologia); Gentil Corazza (UFRGS, doutor em Economia); Suzana Kilpp (Unisinos, doutora em Comunicação).

Projeto Gráfico: Ricardo de Jesus Machado

Responsável técnico: Guilherme Tenher Rodrigues

Imagem da capa: Wikipédia

Revisão: Pedro Henrique Barbosa de Brito

Editoração: Guilherme Tenher Rodrigues

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos.
– Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 20.
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).
ISSN 2448-0304
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

Uma abordagem da filosofia de Miki Kiyoshi

Fernando Wirtz

RESUMO: Neste texto, apresento algumas das ideias mais importantes do pensador japonês Miki Kiyoshi (1897-1945). Miki é um filósofo difícil de catalogar, com uma vasta produção (suas Obras Completas têm 20 volumes) e que foi pouco lida fora do Japão. Apesar disso, ele foi uma figura central durante a década de 1930 e suas ideias influenciaram muitos autores do pós-guerra. Espero que este texto sirva como uma pequena contribuição aos materiais escritos em português sobre filosofia japonesa.

PALAVRAS-CHAVE: Miki Kiyoshi. Filosofia japonesa. Experiência básica. Ideologia. História.

An approach to Miki Kiyoshi's philosophy

Fernando Wirtz

ABSTRACT: In this article, I present some of the most important ideas of the Japanese philosopher Miki Kiyoshi (1897-1945). Miki is a difficult-to-catalog philosopher, with a vast production (his Collected Works run to 20 volumes) and little read outside of Japan. Despite this, he was a central figure during the 1930s and his ideas influenced many postmodern authors. I hope that this text will serve as a small contribution to materials written in Portuguese on Japanese philosophy.

KEYWORDS: Miki Kiyoshi. Japanese philosophy. Basic experience. Ideology. History.

Uma abordagem da filosofia de Miki Kiyoshi

Fernando Wirtz

Doutor em Filosofia pela Universidade de Tübingen na Alemanha e Membro do comitê diretor da Sociedade Internacional de Filosofia Intercultural

Miki Kiyoshi nasceu em 5 de janeiro de 1897, em um ambiente rural na província de Hyōgo (atual cidade de Tatsuno). Inspirado depois de ler a obra-prima de Nishida Kitarō, *Um estudo do bem* (1911), Miki matriculou-se em filosofia na Universidade Imperial de Kyoto em 1917, graduando-se três anos depois. Como professor, trabalhou na Universidade Otani e na Universidade Ryukoku em Kyoto antes de ir estudar na Europa. Entre 1922 e 1925 estudou em Heidelberg, Marburg e Paris. Lá conheceu personalidades como Heinrich Rickert, Karl Mannheim, Eugen Herrigel, Hermann Glockner, Hans-Georg Gadamer, Karl Löwith e também Martin Heidegger. Depois de retornar ao seu país, ele ensinou nas universidades de Hōsei,

Nihon e Taishō. Entre 1927 e 1928 fez algumas viagens à Manchúria, Coreia e outras partes da China. Em 1930 foi preso sob a suspeita de ter doado dinheiro ao Partido Comunista, em decorrência das Leis de Preservação da Paz. Muitos dos intelectuais da época com algum tipo de vínculo com o movimento comunista sofreram prisões semelhantes: Tosaka Jun, Nakai Masakazu, Saigusa Hiroto e até o jovem Maruyama Masao. Embora Miki tenha passado menos de um ano na prisão, foi difícil para ele encontrar um lugar na academia novamente. A vigilância policial durante esses anos era sistemática. Miki então teve que optar por trabalhar como editor, jornalista e organizador de mesas redondas.

A partir de 1936, Miki foi membro da Shōwa Research Association, concebida para servir como um grupo de reflexão (uma espécie de *think tank*) do ex-primeiro-ministro Konoe Fumimaro. Muitos dos escritos mais controversos de Miki devem ser lidos neste contexto. É aqui que Miki coloca sua caneta a serviço da liderança do Japão no território do “Grande Leste Asiático”. O Japão, que tinha interesses coloniais na Manchúria e em outras regiões, deveria, segundo Miki, tornar-se uma espécie de líder cultural e não apenas político. Embora Miki tenha desempenhado um papel proeminente na comissão cultural do grupo Shōwa, ele permaneceu vulnerável à censura estatal após a dissolução do grupo em 1940. Em 1942, Miki foi enviado a Manila por um ano como membro da seção de propaganda militar. Dizem que ele até tentou aprender um pouco de espanhol para sua estadia, uma língua que era bastante inútil. Após seu retorno, sua segunda esposa morreu (a primeira morreu em 1936). Em março de 1945 foi novamente preso - desta vez por ajudar o escritor comunista Takakura Teru - e detido no Centro

de Detenção de Toyotama, onde morreu devido às más condições de confinamento em 26 de setembro, após o fim da Segunda Guerra Mundial.

Filosoficamente, o trabalho de Miki pode ser dividido de diferentes maneiras. De um modo geral, podem ser distinguidos quatro momentos principais.

1) 1920-1925: Anos de formação e leitura. Importante influência do neokantismo.

2) 1925-1930: Textos com forte cunho materialista.

3) 1930-1936: Filosofia da história e antropologia filosófica.

4) 1936-1945: Humanismo, tecnologia e lógica da imaginação.

Como muitos autores de sua geração, Miki iniciou sua trajetória filosófica estudando o neokantismo, especialmente Heinrich Rickert. Na Alemanha, onde frequenta as aulas de Rickert, distancia-se do formalismo de Rickert e passa a adotar uma perspectiva existencialista mais próxima de Heidegger. Para Miki, não se trata mais de como a história é conhecida ou de seu valor epistemológico. Ao contrário, o problema é mais concreto: como se produz a história? Dessa forma, a filosofia de Miki após seu retorno ao Japão está focada no problema da relação entre teoria e práxis. A filosofia não pode ser alheia ao movimento da história. Ela mesma deve ser ação. Após sua prisão em 1930, Miki abandonará a linguagem marxista, mas continuará interessado na história. Nesse período, Miki introduz com mais força dois de seus conceitos mais importantes: *pathos* e *logos*. A história é para ele a união entre a corporalidade emocional e coletiva da situação e a

razão. Em outras palavras, a filosofia de Miki é baseada em uma espécie de dialética contínua entre emoção e razão. A história para ele não é mais a história revolucionária do proletariado, mas uma dialética entre *pathos* e *logos*.

O período final da filosofia de Miki é uma continuação dessas questões. Aqui, Miki começa a falar de “um novo tipo de ser humano” que deve ser a chave para um novo humanismo. Esse humanismo tem que ser, segundo Miki, uma superação do humanismo ocidental. Miki pensa esse “novo ser humano” como algo criativo e produtivo. A essência do ser humano não é predeterminada, mas é algo em contínua formação. Nesse sentido, imaginação e técnica são uma expressão clara dessa força poética. Criar, para Miki, não é meramente gerar um objeto externo. Ao criar, o objeto também modifica o sujeito. Nesse sentido, a criação é um movimento dialético. Os escritos de Miki sobre técnica também contêm uma forte conotação política. Técnica é ação e, no contexto da Segunda Guerra Mundial, o desenvolvimento da tecnologia foi um importante instrumento estratégico para lidar com as potências inimigas.

Hoje, a filosofia de Miki continua sendo um objeto estranho. Por um lado, Miki pertence à Escola de Kyoto, pois muitos de seus conceitos refletem a influência de Nishida. Por outro lado, Miki difere de Nishida, Tanabe e Nishitani por seu compromisso político com certas ideias de socialismo. Apesar de ser um crítico ferrenho do autoritarismo, Miki emprestou sua caneta ao belicoso governo japonês. É difícil avaliar se isso foi resultado de necessidade ou convicção. Afinal, a pressão policial era um fato inegável. É verdade que outros

autores como Tosaka Jun permaneceram mais fiéis às suas convicções. Parece que Miki optou pela *Realpolitik* e pelo pragmatismo, acreditando que sua tarefa como intelectual era distorcer o sistema por dentro. No entanto, uma conclusão sobre o colaboracionismo de Miki requer uma avaliação minuciosa de seus textos mais políticos, e isso está além do escopo deste artigo. Aqui, limitar-me-ei a desenvolver alguns dos conceitos centrais de sua filosofia histórica.

EXPERIÊNCIA BÁSICA (*KISO KEIKEN*)

Começarei apresentando o texto de 1927 sobre A Forma Marxista de Antropologia, texto incluído no livro *Materialismo Histórico e Consciência Atual* (1928). Os últimos anos da década de 1920 foram cruciais para o desenvolvimento do próprio marxismo japonês; Miki retornou ao Japão da Europa para encontrar debates acalorados sobre o papel do comunismo. Um evento importante que marcou esse período são as Teses do Comintern sobre o Japão, que surgiram em 1927. De acordo com essas Teses de 27, o atraso ideológico (e tecnológico) do Japão tornava insuficientes as condições para uma revolução comunista pura; a importância de um processo revolucionário em duas etapas foi enfatizada para erradicar os vestígios feudais. Ou seja, para gerar as condições necessárias para uma revolução comunista, o proletariado teve que primeiro unir forças com o campesinato e a pequena burguesia urbana para realizar uma primeira revolução democrática que pudesse culminar os avanços iniciados com Meiji.

As teses são frequentemente lidas como uma crítica ao Comintern em relação a duas grandes tendências

da esquerda japonesa. Yamakawa Hitoshi, fundador do Partido Comunista Japonês, representou a abordagem mais pragmática de uma aliança com o movimento camponês, enquanto, por outro lado, Fukumoto Kazuo insistiu na importância da teoria e de um partido de vanguarda. Aos olhos dos líderes do Comintern, ambas as posições foram incapazes de capturar o quadro completo da situação político-econômica no Japão.

Após seu retorno da Europa, Miki também publicou alguns textos que tratavam de diferentes aspectos do marxismo e do materialismo. Nesse período, entre 1928 e 1930, também participou, ao lado de Hani Gorō e Kobayashi Isamu, da edição da revista *Sob a bandeira da Nova Ciência*, título que fazia referência à curta publicação do próprio Fukumoto, *Sob a bandeira do Marxismo*.

Miki foi muito influenciado por Fukumoto. Embora seja difícil encontrar uma relação intertextual direta entre esses dois autores, eles compartilham um profundo interesse pelo papel da consciência nas relações sociais. Para Fukumoto, a consciência de classe era a chave para uma revolução, e Miki viria a representar um valor semelhante para ela.

O volume *Materialismo Histórico e Consciência Presente* de Miki, publicado em 1928 e reeditando artigos anteriormente serializados na revista *Shisō* um ano antes, pode ser visto como uma forma de contribuição à discussão supracitada. Seu texto *A forma marxista de Antropologia* é frequentemente citado como um passo importante para o desenvolvimento da própria filosofia de Miki. Nele, Miki apresenta três conceitos cruciais: experiência básica, logos e ideologia. Esses três conceitos constroem a maneira pela qual a realidade

adquire um significado e uma estrutura lógica para os seres humanos. Miki escreve no início desse texto:

A experiência cotidiana da vida humana é sempre guiada pelas palavras. O *logos* geralmente está em uma posição de controle prévio sobre a vida humana. Tendemos a negociar a existência da perspectiva de nossos *logos* pré-existentes. Experimentamos ser como se o que vivemos pudesse ser falado e resolvido com palavras. Nesse modo de experimentar, distingo o que chamo de minha ‘experiência básica’. Diferentemente da experiência cotidiana, dominada pelo *logos*, a experiência básica é uma experiência que não se orienta pelo *logos*, mas orienta, demanda e produz o próprio *logos*. É uma experiência totalmente livre e fundamental no sentido de que independe do domínio da linguagem. (MKZ 3, 5).

O que significa dizer que nossa experiência cotidiana é guiada pela linguagem? Até certo ponto, entendemos o mundo através da linguagem. Eu posso entender o mundo ao meu redor através da linguagem. Encontro-me sentado em uma “cadeira”, bebendo “água”, digitando em um “computador” etc. Para nos relacionarmos com nosso ambiente, precisamos de um certo tipo de conceituação. É claro que também precisamos da linguagem para nos comunicarmos com outras pessoas. Nesse sentido, nossa existência é mediada. No entanto, Miki sugere que há uma experiência ontologicamente anterior que torna possível a experiência da linguagem e chama isso de “experiência básica”.

Não quero usar o nome ‘experiência básica’ para significar algum tipo de coisa teológica ou metafísica, mas o contrário. É um conceito para um fato simples e primitivo. Estou, estou com outras pessoas, estou em

outras coisas. Quando considero isso a forma mais básica de experiência, não afirmo que a própria existência de coisas e pessoas além de mim depende de minha consciência. A existência do mundo pode ser tão fundamental quanto a minha própria existência. No entanto, gostaria que o conceito de experiência básica fosse clara e efetivamente distinguido do pensamento existencial ingênuo. A existência do mundo ao nosso redor, como a das próprias coisas, não mantém uma existência própria e completa, totalmente independente de nossas negociações [*kōshō*], mas apenas revela sua existência em nossas negociações. (MKZ 3, 6-7).

Como tal, a expressão “experiência básica” refere-se às condições materiais da existência, mas também lembra tanto o *Gründerfahrung* de Heidegger quanto a “experiência pura” de Nishida (*junsui keiken*). Em contraste com a epistemologia egológica de Husserl, Heidegger, em seu período anterior a *Ser e Tempo* (1927), utiliza um conceito de experiência que focaliza a ação corporificada e concreta de estar vivo. Nishida, do outro lado do globo, pensa em um conceito anterior à diferença entre sujeito e objeto, inaugurando uma dimensão filosófica para além de todas as formas de dualismo. A própria formulação de Miki parece enfatizar não a experiência psicológica do não-dualismo, mas a prerrogativa da fenomenalidade, no sentido de uma situação que combina corporeidade, facticidade e interespacialidade dentro de um quadro experiencial. Se nossa experiência cotidiana é sempre mediada pela linguagem (como o *logos*), o que está por baixo dessa camada? Deve haver um nível mais fundamental de experiência que permita que a própria linguagem seja o que é. Mas qual é a experiência básica? Os seres humanos estão sempre em uma relação de barganha com

outros seres. No entanto, a experiência básica não implica um fluxo pré-consciente puro. Miki afirma que a experiência básica é “um conceito para um fato simples e primitivo. Estou, estou com outras pessoas, estou no meio de outras coisas”. A experiência básica é sempre uma situação e, portanto, algo aberto a mudanças.

IDEOLOGIA

A experiência básica é a primeira de uma série de camadas que compõem a genealogia da consciência. Será mostrado mais adiante como essas camadas são realmente bastante porosas, de modo que se comunicam umas com as outras. Enquanto a experiência básica continua sendo a base de nossa perspectiva histórica, para ser estabilizada e consciente ela deve ser transformada em *logos*.

Para Miki, então, nossa relação com o mundo é expressiva. Ou seja, os efeitos cognitivos da experiência básica de estar no mundo são nossos próprios pensamentos e palavras que expressam o modo como o mundo é. Razão e linguagem são o que Miki chama de *logos*. Pela primeira vez, Miki oferece aqui uma distinção entre duas ordens de *logos*: os *logos* primários e os *logos* secundários. O *logos* primário é chamado de “antropologia” e refere-se à manifestação imediata da experiência básica em palavras, a forma como os seres humanos entendem sua experiência: uma “autointerpretação do ser humano” (*ningen no jikokaishaku*). Ao contrário, o *logos* secundário é chamado de “ideologia” e consiste em uma interpretação mediada da existência humana. A esta categoria pertencem a psicologia, a história, a filosofia e outras disciplinas, saberes institucionalizados, nos quais a “consciência filosófica da época”

dirige seu programa e seus métodos para transformar aquela experiência original em um discurso mais articulado.

A antropologia do *logos* primário é a “autointerpretação” (*Selbstauslegung*) dos seres humanos, em contraste com a “autocompreensão” (ou “autoentendimento”, *Selbstverständnis*) da ideologia (ver MKZ 3, 11). Essa autointerpretação não parece ser pré-lógica (pois já estamos no campo do *logos*), nem pré-social (já que a experiência básica já é social desde o início). É em si a manifestação básica de estar no mundo. Na segunda e terceira seções do texto, essa ideia fica mais clara. Aqui, Miki cita Feuerbach, que mostrou que por baixo da ideologia da religião está o substrato primário da antropologia, que por sua vez é construída sobre o chão de uma experiência básica. Nesse sentido, o *logos* primário consiste na perspectiva incontornável de ser humano e possuir linguagem. Ou seja, a ideologia (as ciências) pode assumir diferentes formas, mas não pode fugir ao fato de que é construção humana. Assim, Miki não pensa o *logos* como algo separado da experiência básica que lhe é dirigida a partir de uma exterioridade. Ao contrário, o *logos* é a própria expressão do modo de ser do ser humano e de sua experiência básica.

Agora, a antropologia, por sua vez, faz a mediação entre a experiência básica e a ideologia. O termo “ideologia” é certamente muito importante para o marxismo. Miki, apesar de ter traduzido *A Ideologia alemã* de Marx e Engels pela primeira vez para o japonês em 1932, vai se distanciar do conceito marxista. Em termos ortodoxos, o conceito de ideologia é entendido como referindo-se a uma espécie de ilusão na consciência,

um conhecimento construído de fora que funciona como um véu para a mente. Para relembrar as palavras de Marx: “Até agora, os homens sempre formaram ideias falsas sobre si mesmos, sobre o que são ou deveriam ser” (Marx e Engels 2014, 9). Para ilustrar isso, Marx recorre à imagem familiar da câmara escura.

E se em toda ideologia os homens e suas relações aparecem invertidos como na câmara escura, esse fenômeno responde ao seu processo histórico de vida, assim como a inversão dos objetos quando projetados na retina responde ao seu processo vital diretamente físico.

Completamente ao contrário do que acontece na filosofia alemã, que desce do céu à terra, aqui sobe da terra ao céu. Ou seja, não se parte do que os homens dizem, representam ou imaginam, nem do homem predicado, pensado, representado ou imaginado, para chegar, a partir daqui, ao homem de carne e osso; parte-se do homem que realmente age e, a partir de seu processo de vida real, expõe-se também o desenvolvimento de reflexões ideológicas e ecos desse processo de vida. (Marx e Engels 2014, 21).

Ou seja, em termos simples, a filosofia partiu da ideia de que o concreto era determinado pelo inteligível. Marx irá na direção oposta e mostrará como nossas ideias sobre valores metafísicos etc. foram determinadas pelas condições concretas de existência.

Para Miki, a ideologia não é meramente uma distorção da experiência básica, embora em certos casos possa haver um curto-circuito entre os dois níveis. Como já foi dito, a ideologia é baseada na antropologia. Toda ciência se desenvolve a partir de relações concretas com o mundo. Pode-se dizer que a antropo-

logia é a perspectiva existencial que está na base de toda ideologia. A psicologia, por exemplo, tenta descrever características gerais e universalmente válidas do psiquismo, porém, como se sabe, também é resultado de processos históricos concretos que modificam a disciplina ao longo do tempo. Assim, quando a experiência básica muda, a antropologia e a ideologia mudam junto com ela.

Cada época tem uma certa experiência básica. No caso da ideologia materialista, baseia-se na experiência do trabalho. Este núcleo não é algo rígido. É isso que a diferencia das outras escolas materialistas do século XVIII. A “coisa” (*mono*) que está na base da produção experiencial não é algo puramente fechado, mas algo que deve ser interpretado pela experiência básica mediada pela antropologia; é um “conceito hermenêutico” (*kaishakugakuteki gainen*). Miki escreve: “O ser define sua existência com base na maneira como os humanos negociam com ele, mas os humanos também capturam sua essência diretamente nessa maneira de negociar”. Assim, ao contrário de uma leitura mecânica do modelo base-superestrutura, Miki insiste na codeterminação entre sujeito e objeto na parte inferior dessa arquitetura em camadas. Como Stromback escreve:

O conteúdo da experiência básica não pode ser essencializado como substância, porque está sempre mudando de acordo com os desenvolvimentos históricos, conforme refletido na antropologia, e então mediado e revelado por uma ideologia dentro do mundo real daquele momento histórico. (Stromback 2020, 105).

É aqui também que surge o problema da consciência e do logos. A linguagem requer uma certa “neutralidade” (*chūwasei*) para funcionar, ou seja, para se

rem compreendidas no campo das relações sociais, as palavras são capazes de adotar uma referencialidade prática mínima que Miki distingue da universalidade e do idioleto puro. Quando uma pessoa quer comprar maçãs e pede ao vendedor uma “maçã”, entende que não estamos nos referindo a uma maçã exata em particular, tampouco a uma maçã abstrata, mas a uma maçã “neutra”. Esta dimensão é obviamente necessária para a interação social. As palavras não são universais abstratos. Portanto, a neutralidade em si não é uma coisa ruim, é uma maneira prática de ser. O problema com essa neutralidade é que a consciência pode ficar “enterrada” (*maibotsu*) nela, perdendo assim sua natureza relacional original. Como é lógico para os leitores de Marx, esse risco contínuo nada mais é do que o mecanismo de mercantilização, que oculta o próprio processo de produção da mercadoria.

A essência da estrutura da mercadoria é que a relação entre os seres humanos adquire o caráter de materialidade e, assim, confere a essa materialidade uma imagem espectral que oculta todos os vestígios da relação entre os seres humanos com suas próprias leis escritas. Originalmente, cada trabalho faz parte de todo o trabalho social e todos dependem uns dos outros. Em nossa sociedade, no entanto, isso é feito de tal forma que as relações sociais entre os seres humanos, que realmente trabalham uns para os outros, ficam escondidas de nossos olhos. No mundo capitalista, o sindicato dos homens é invisível aos olhos. (MKZ 3, 62).

Assim, de acordo com o que diz Miki, parece que na sociedade capitalista, a experiência básica é soterrada e invisibilizada na mercadoria; afinal, a experiência mais fundamental de nossa existência é existir juntos e entre outros seres.

Tendo refletido sobre a natureza da relação entre linguagem e experiência básica dentro do capitalismo, estamos agora em posição de perguntar o seguinte: a consciência pode escapar de sua fossilização no reino das mercadorias? Ao final da segunda seção do texto *Marxismo e Materialismo* (1927), Miki argumenta que, embora todos os membros da sociedade sofram essa fetichização no nível objetivo, apenas o proletariado é negado em sua natureza durante o processo. No entanto, o proletariado entende que a ideologia que se tornou válida e universal é apenas a ideologia da classe dominante. Portanto, o proletariado é potencialmente crítico. Ou seja, o proletariado possui uma perspectiva experiencial particular que lhe permite desconstruir a ideologia dominante. Essa potencialidade é identificada com o marxismo como ciência histórica. “O marxismo, como teoria da revolução, não pode ser uma ideologia no mau sentido, separada da realidade” (MKZ 3, 69). É possível, então, entender bem o marxismo como uma ideologia? Claro, Miki está propondo aqui uma síntese de teoria e práxis. Mas, repito, ele o argumenta na perspectiva de sua teoria do logos, segundo a qual a ideologia flutua junto com a experiência básica: “Também por isso não devemos pensar em um dogma fixo sob o conceito de marxismo, mas como uma teoria que é atual, que está sempre em processo de desenvolvimento” (MKZ 3, 73).

Aqui, portanto, aparece o que se poderia chamar de “ideologia crítica”, ou seja, aquela ideologia capaz de reconhecer quando a conexão com a experiência básica é interrompida.

O conceito de trabalho envolve trabalhar nas coisas e mudá-las. Dessa forma, a natureza se humaniza trabalhando nela. Se um carpinteiro

teiro agora faz uma escrivaninha, ele deve trabalhar a madeira à sua frente, mas sua maneira de trabalhar não é apenas limitada pelos ditames da existência humana, de forma que a escrivaninha que ele deve fazer também é limitada pelos ditames da existência humana, por exemplo, sua altura é limitada pela altura humana. Além disso, no processo de trabalho, o próprio humano, como força natural, trabalha com as forças naturais de seu corpo, com suas mãos e pés. No processo de trabalho, identificam-se os opostos da natureza e do homem. (MKZ 3, 31).

Até agora foram expostos os três conceitos mais importantes da antropologia marxista de Miki: experiência básica, antropologia e ideologia. Esses três conceitos são, como se vê, inescusavelmente atravessados pela história. Ou seja, são conceitos históricos, que mudam e se transformam com o decorrer da história. Nesse sentido, para aprofundar essas ideias, parece pertinente recorrer ao livro *Filosofia da História*, no qual Miki se dedica exclusivamente a pensar esse problema.

FILOSOFIA DA HISTÓRIA

Em seu livro *Filosofia da História* (1932), Miki começa articulando uma distinção fundamental entre três “conceitos” de história. Como veremos mais adiante, essa distinção não é puramente epistemológica, mas, em última análise, ontológica. As três camadas conceituais são: “história como logos” (*rogos toshite no rekishi*), “história como ser” (*sonzai toshite no rekishi*) e, por fim, “história como fato” (*jijitsu toshite no rekishi*). As duas primeiras categorias podem ser explicadas juntas como ecoando a antiga distinção entre as palavras alemãs *Geschichte* (*geschehen*, ter sucesso) e *Historie* (do grego *historein*, investigar). Nesse sentido, para Miki, a histó-

ria como ser se refere aos eventos em sua objetividade, enquanto a história como *logos* se refere à descrição intelectual subjetiva daqueles eventos praticados por determinada disciplina. Por mais simples que pareça essa distinção, é claro que ela não esgota o significado de “história”.

Portanto, há uma descontinuidade necessária entre a história como ser e a história como *logos*. Devido à assimetria básica entre a multiplicidade da realidade e as capacidades humanas de conhecê-la, a história como *logos* não pode ser uma mera cópia dos acontecimentos, pois é impossível reproduzir ou descrever fenômenos históricos como ocorreram devido à mera distância temporal que nos separa deles. O historiador e a historiadora acessam os eventos por meio do “material histórico”. A condição da escrita da história reside, portanto, no presente: a história se repete no presente (MKZ 6, 13), é selecionada no presente (MKZ 6, 14) e ocorre no presente como um tudo em evolução constante (MKZ 6, 16). Isso significa que a exegese da evidência histórica está sempre mudando e se reescrevendo. Em uma tentativa de superar essa dissociação, Miki apresenta a “história como fato” como seu argumento central. Usando a palavra *jijitsu*, Miki traduz a palavra alemã *Tatsache* (MKZ 6, 33), opondo-a à noção fichtiana de *Tathandlung* (literalmente “ação feita”). Miki diz que a noção de Fichte ainda permanece muito ligada à ideia de um sujeito e sua ação subjetiva (*Handlung*). Ao contrário, para Miki, o fato deve ser concreto, uma “coisa” (*Sache*). Miki tenta priorizar a noção de que a história não é algo fechado, como desejaria um historiador que se aproxima desse objeto epistêmico, mas algo situado, ativamente formado e ancorado no próprio puro presente. Embora autores como Ranke e

Bernheim já insistissem em uma compreensão da história como algo diferente de “*die tote Sammlung der Tatsachen*” (a coleção morta de fatos) (Bernheim 1908, 10), Miki quer introduzir a ideia de que a história deve ser compreendida através da factualidade.

Conseqüentemente, o presente (*genzai*) dos eventos não é a época atual (*gendai*, época moderna) que poderia resultar de um ponto de vista objetivo. A história como ser é sempre a história de eventos “objetivos” e “fechados”. O que chamamos de “idade moderna” ou nossos “dias atuais” é, afinal, um período objetivado entre outros (história antiga, Idade Média etc.). O presente como *genzai*, ao contrário, é irreduzível aos “momentos” da história. Do ponto de vista do ser, o presente é da mesma ordem das outras “épocas” (MKZ 6, 22).

Como o presente não é um momento relativo de uma série, mas um instante de ação condensado e intensificado, ele tem acesso ao passado distante de uma forma que seria impossível para o tempo “ôntico” linear (*sonzaiteki*). Poderíamos dizer que a história como fato é o ponto zero da história, que Miki chama de “instantâneo” (*shunkan*). Nesse sentido, Miki diz que “os fatos precedem o ser” (MKZ 6, 24). Miki argumenta que a história como fato é “metafísica” no sentido de que “transcende” o ser (MKZ 6, 25), é mais do que e anterior ao ser.

Como podemos entender essa prioridade dos fatos? Embora essa reflexão possa parecer convencional aos leitores contemporâneos que conhecem Sartre, devemos lembrar que Miki a introduz para investigar a estrutura profunda da história diante da divisão epistemológica neokantiana entre história e natureza. Para

fazer isso, Miki diferencia entre um *Tathandlung* fichtiano e um *Tatsache* incorporado (Tamada 2017, 3638). A história para Miki não surge do eu que se coloca, mas de uma ação que tem prioridade sobre a divisão entre sujeito e objeto.

A razão pela qual a ação tem o significado de coisa é porque ela é corporal e sensível. Se a história como coisa é entendida simplesmente como ação, então surge a questão de qual é o sujeito dessa ação. O sujeito dessa ação é uma espécie de ‘existência’, que não pode ser pensada como algo que antecede a ação. Por outro lado, não podemos aceitar a posição de Fichte. No caso da ação, que é a base da história, a ação tem imediatamente o sentido de uma coisa, e a ação é imediatamente uma coisa. A coisa também tem o sentido da ação, senão a coisa não seria uma coisa (*Tat-sache*). A coisa não pressupõe a ação, nem a ação pressupõe a coisa, mas a ação e a coisa são um. A sensibilidade nunca é simplesmente receptiva como algo corporal, mas é orientada para a ação e a prática. (veja MKZ 6, 33)

Vemos que Miki substitui “ação” (*Handlung*) por “coisa” (*Sache*), querendo introduzir explicitamente a dimensão sensual e corporal na equação. Para ser consistente com a prioridade da facticidade, Miki aqui admite que nem o ato precede a coisa, nem a coisa precede o ato; ambos são co-originados.

CONCLUSÃO

Apresentamos aqui apenas algumas notas do pensamento de Miki. Ultimamente, os esforços para diversificar o currículo filosófico levaram a uma reavaliação da filosofia não-europeia. Nesse contexto, é necessário perguntar o que a filosofia de Miki tem a oferecer e por que vale a pena estudar.

Para começar, é possível estabelecer um certo paralelismo entre os textos de antropologia marxista incluídos no Materialismo Histórico e a consciência atual e a Filosofia da história. Nos dois livros de Miki é possível encontrar a presença de um nível fundamental e factual. Este estrato é sempre o estrato da atualidade e do presente. Para contextualizar essa ideia, é preciso lembrar que Miki escreve em muitos de seus textos contra o tradicionalismo e os movimentos reacionários que voltam sua vida para o passado. Miki pensa especificamente no japonismo (que geralmente é entendido como a variante japonesa do fascismo), que buscava o ideal do personagem japonês no passado. Para Miki, nosso acesso ao passado é sempre determinado pelo presente, mas não apenas pelo presente como ponto abstrato do tempo, mas pelo presente vivido e concreto.

Assim, a filosofia de Miki tenta conciliar a existência factual, a dimensão experiencial da ação com o materialismo e, ao mesmo tempo, com a história. A filosofia de Miki é uma filosofia de ação. Para Miki, o ser humano é um ser histórico não apenas porque é resultado material das condições que o precedem, mas também porque o próprio ser humano faz história. Isso é o que Miki chama de “história como fato”. Se compararmos a estrutura que Miki apresenta em ambos os livros (Materialismo histórico e consciência atual e Filosofia da história) encontraremos uma relação semelhante entre experiência básica e história como fato, pois ambas determinam o plano do discurso ao mesmo tempo que são condicionadas por ele. Tanto a experiência básica quanto a história como *Tatsache* são momentos produtivos. Ou seja, não se trata apenas de condições materiais estáticas, mas da ação dos se-

res humanos em seu ambiente. Recordemos aqui que Miki havia dito da experiência básica: “A existência do mundo que nos cerca, como a das próprias coisas, não mantém sua existência própria e completa, totalmente independente de nossas negociações, mas apenas revela sua existência em nossas negociações.” (MKZ 3, 7). Miki não nega a existência do mundo externo, mas esse mundo não é independente da ação. Por isso, Miki fala de fato e não de um ser. Poderíamos apresentar este esquema da seguinte forma:



Como visto no esquema, os logotipos também têm o poder de influenciar nossa experiência. Seguindo Marx, Miki também acreditava que a filosofia deveria ser capaz de mudar a realidade. No entanto, como dito anteriormente, é preciso reconhecer uma prioridade do ato sobre a palavra. O existencialismo de Miki é, portanto, um existencialismo marxista que não fica preso ao determinismo economicista. As relações de produção (vivas por meio da experiência básica) são constitutivas, mas não determinantes, e podem ser transformadas pela crítica. A mercantilização da produção é resultado de uma experiência básica hipostasiada. A filosofia tem aí a missão de desconstruir nosso acesso à experiência.

Segundo Miki, cada época tem sua própria experiência básica, pois esta não é estática, mas histórica. Devemos nos perguntar se é possível pensar em uma

experiência básica em nosso próprio tempo presente. Isso significa que devemos ser capazes de perguntar como negociamos com nosso mundo. Pode não ser possível pensar em uma experiência básica universal para todos os habitantes do mundo. Essa fragmentação, no entanto, não deve significar um abandono da comunicabilidade. Cada pessoa deve se reconectar com sua experiência básica para se descobrir como agente da história. A experiência básica é precisamente uma espécie de devir ativo. Nesse sentido, nossa experiência ambiental básica, seja ela qual for, deve ser ao mesmo tempo uma experiência ecológica básica. Eu concordo com Stromback quando ele escreve:

Em outras palavras, a leitura hermenêutica de Miki de Marx é uma de suas maiores forças teóricas porque lhe permite abordar alguns dos aspectos mais dogmáticos do pensamento marxista. Por exemplo, a descrição triádica da experiência básica, da antropologia e da ideologia de Miki beneficia o discurso marxista em sua tentativa de teorizar uma ética ambiental porque a própria estrutura fornece, aos movimentos ecológicos, uma flexibilidade e uma autonomia muito necessárias para gerenciar suas intervenções sustentáveis no ambiente natural. O impacto da intromissão bem-intencionada é muitas vezes imprevisível, simplesmente porque animais, plantas e outros objetos não sensíveis também são agentes na produção do ambiente, todos ativos na resposta à interferência humana. Lembremos que Miki sustenta que a ideologia não pode ser um ideal reificado imposto à experiência básica, mas só se realiza na autorreflexão da experiência básica do proletariado. Como a descrição triádica de Miki evitaria qualquer conjunto rígido de diretrizes para gerenciamento de crises, a negociação que os humanos devem realizar com seu ambiente os leva a nem sempre tentar controlar

o ambiente natural por abordagens de cima para baixo (como em qualquer outra abordagem universal abstrata do meio-ambiente). (Stromback 2021, 26).

Assim, se aplicássemos o esquema de Miki ao contexto do Antropoceno, seria possível obter uma ferramenta conceitual que nos permitiria conciliar aspectos da crítica social marxista com uma abordagem aberta para pensar a subjetividade corporificada não apenas do ser humano, mas também de outras espécies.

Sou grato à Fundação Fritz Thyssen por seu apoio financeiro durante minha pesquisa sobre Miki.

Como o trabalho de Miki ainda é pouco conhecido fora do Japão, incluo uma pequena bibliografia sobre textos acessíveis em outros idiomas além do japonês.

REFERÊNCIAS

Bernheim, Ernst. 1908. *Lehrbuch der Historischen Methode und der Geschichtsphilosophie*. Leipzig: Duncker & Humblot.

Marx, Karl, and Friedrich Engels. 2014. *La Ideología Alemana*. Madrid: Akal.

MKZ: Miki, Kiyoshi (1966–1968), *Miki Kiyoshi Zenshū* [Obras completas Miki Kiyoshi] (Tokyo: Iwanami Shoten).

Stromback, Dennis. 2020. "Miki Kiyoshi and the Overcoming of German and Japanese Philosophy." *European Journal of Japanese Philosophy* 5: 103–43.

_____. 2021. "Notes on Miki Kiyoshi's Anthropological Humanism and Environmental Ethics." *Environmental Philosophy* 18 (2): 227–57.

Wirtz, Fernando. 2020. "Myth and Ideology in Miki Kiyoshi." *European Journal of Japanese Philosophy* 5: 75–102.

TRADUÇÕES DISPONÍVEIS DAS OBRAS DE MIKI:

Miki, Kiyoshi. 1995. "Teoría de la tradición". In: Agustín Jacinto Zavala (ed.) *Textos de la filosofía japonesa moderna: antología*. Volumen 1. Michoacán: Conaculta, 365-372. Translated by Jacinto Zavala, A. [In Spanish]

_____. 2011a. "The Study of the Human". In: James Heisig, Thomas P. Kasulis y John C. Maraldo (ed.) *Japanese Philosophy. A Sourcebook*. Honolulu: University of Hawai'i Press, 702-705. Translated by Kopf, G. [In English]

_____. 2011b. "Towards a Logic of Imagination". In: James Heisig, Thomas P. Kasulis y John C. Maraldo (eds.) *Japanese Philosophy. A Sourcebook*. Honolulu: University of Hawai'i Press, 705-707. Translated by Kopf, G. [In English]

_____. 2016a. "L'empirisme integral", *European Journal of Japanese Philosophy*, 1: 259-287. Translated by Ebersolt, S. [In French]

_____. 2016b. "Myth", *Social Imaginaries*, 2(1): 25-69. Translated by Krummel, J. W. M. [In English]

_____. 2016c. "Disregarded Translations", *Culture and Dialogue* 4: 338-347. Translated by Morisato, T. [In English]

_____. 2019. "Conciencia histórica y consciencia mítica" [Historical Consciousness and Mythical Consciousness], *European Journal of Japanese Philosophy*, 4: 217-222. Translated by Wirtz, F. [In Spanish]

_____. 2020. "Two Texts on Technology by Miki Kiyoshi: 'The Ideal of Technology', 'Technology and the New Culture'". *European Journal of Japanese Philosophy* 6: 323-352. Translated by Nakamura, N. and Wirtz, f.

OUTROS MATERIAIS SOBRE MIKI:

Akamatsu, Tsunehiro. 2018. "The Philosophy of Miki Kiyoshi." In *The Philosophy of the Kyoto School*, edited by Masakatsu Fujita, 65-77. Singapore: Springer.

Curley, Melissa Anne-Marie. 2008. "The Subject of History in Miki Kiyoshi's 'Shinran.'" In *Frontiers of Japanese Philosophy*

2: *Neglected Themes and Hidden Variations*, edited by Victor Sōgen Hori and Melissa Anne-Marie Curley, 78–93. Nagoya: Nanzan.

_____. 2020. “Miki Kiyoshi: Marxism, Humanism, and the Power of Imagination.” In *The Oxford Handbook of Japanese Philosophy*, edited by Bret W Davis, 447–63. New York: Oxford University Press.

Ebersolt, Simon. 2012. “Une Réception Japonaise de Bergson: Miki Kiyoshi et l’empirisme Intégral.” *Revue Philosophique de La France et de l’étrange* 2 (137): 209–22.

Fujita, Masakatsu. 2011. “Logos and Pathos: Miki Kiyoshi’s Logic of the Imagination.” In *Japanese and Continental Philosophy: Conversations with the Kyoto School*, edited by Bret W Davis, Brian Schroeder, and Jason M Wirth, 305–18. Bloomington/ Indianapolis: Indiana University Press.

Harrington, Lewis E. 2009. “Miki Kiyoshi and the Shōwa Kenkyūkai: The Failure of World History.” *Positions: East Asia Cultures Critique* 17 (1): 43–72.

Kim, John Namjun. 2007. “The Temporality of Empire: The Imperial Cosmopolitanism of Miki Kiyoshi and Tanabe Hajime.” In *Pan-Asianism in Modern Japanese History. Colonialism, Regionalism and Borders*, edited by Sven Saaler, 151–67. London/ New York: Routledge.

Krummel, John W. M. 2016. “Introduction to Miki Kiyoshi and His Logic of the Imagination.” *Social Imaginaries* 2.1: 13–24.

_____. 2017. “Creative Imagination, Sensus Communis, and the Social Imaginary: Miki Kiyoshi and Nakamura Yūjirō in Dialogue with Contemporary Western Philosophy.” In *The Bloomsbury Research Handbook of Contemporary Japanese Philosophy*, edited by Michiko Yusa, 255–85. London/ New York: Bloomsbury.

Morisato, Takeshi. 2016. “Miki Kiyoshi and Interpretation. An Introduction to Disregarded Translations.” *Culture and Dialogue* 4: 338–47.

Nagatomo, Shigenori. 1995. *A Philosophical Foundation of Miki Kiyoshi’s Concept of Humanism*. Lewinston/ Queens- ton: The Edwin Mellen Press.

Townsend, Susan. 2009. *Miki Kiyoshi 1897-1945: Japan's Itinerant Philosopher*. Leiden/ Boston: Brill.

Wirtz, Fernando. 2021. "Doxa, Common Sense, and Everydayness in Miki Kiyoshi's Works: A Critical Account." *Journal of the Asia-Japan Research Institute of Ritsumeikan University* 3: 1-16.

Yagi, Kiichiro. 2019. "Quest for the Consciousness of Historicity by Kiyoshi Miki - Hermeneutical Anthropology and Philosophy of History." *Revue de Philosophie Économique* 20 (1): 159-74.

Yusa, Michiko. 1998. "Philosophy and Inflation. Miki Kiyoshi in Weimar Germany, 1922-1924." *Monumenta Nipponica* 53 (1): 45-71.

Fernando Wirtz



Graduado em Filosofia pela Universidade de Buenos Aires e doutor na mesma área pela Universidade de Tübingen na Alemanha, com tese sobre Friedrich Schelling. Realizou pós-doutorado na Universidade de Kyoto, sobre o conceito de mito na filosofia japonesa durante a década de 1930. Além da filosofia japonesa, ele também se especializou em idealismo alemão, filosofia intercultural e filosofia do mito. É membro do comitê diretor da Sociedade Internacional de Filosofia Intercultural.

ARTIGOS DE FERNANDO WIRTZ PUBLICADOS NO IHU

- [Yuk Hui e a pergunta pela cosmotécnica](#)

ENTREVISTAS DE FERNANDO WIRTZ PUBLICADOS NO IHU

- [A cosmotécnica como método para pensar a relação entre tecnologia e cultura. Entrevista especial com Fernando Wirtz](#)

CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 A teoria da justiça de John Rawls – José Nedel
- N. 02 O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas – Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo – Sonia Montaño
- N. 04 Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 O ruído de guerra e o silêncio de Deus – Manfred Zeuch
- N. 06 BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 Mundos televisivos e sentidos identitários na TV – Suzana Kilpp
- N. 08 Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada – Valério Cruz Brittos
- N. 10 Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo – Édison Luis Gastaldo
- N. 11 Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz – Márcia Tiburi
- N. 12 A domesticação do exótico – Paula Caleffi
- N. 13 Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular – Edla Eggert
- N. 14 Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS – Gunter Axt
- N. 15 Medicina social: um instrumento para denúncia – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 Mudanças de significado da tatuagem contemporânea – Débora Krischke Leitão
- N. 17 As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade – Mário Maestri
- N. 18 Um itinerário do pensamento de Edgar Morin – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 Os donos do Poder, de Raymundo Faoro – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 Sobre técnica e humanismo – Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 Construindo novos caminhos para a intervenção societária – Lucilda Selli
- N. 22 Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático – Valério Rohden
- N. 24 Imagens da exclusão no cinema nacional – Miriam Rossini
- N. 25 A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação – Nísia Martins do Rosário
- N. 26 O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – Rosa Maria Serra BavareSCO
- N. 27 O modo de objetivação jornalística – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 A cidade afetada pela cultura digital – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 Getúlio, romance ou biografia? – Juremir Machado da Silva
- N. 31 A crise e o êxodo da sociedade salarial – André Gorz
- N. 32 À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
- N. 33 O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos – Marco Aurélio Santana
- N. 35 Adam Smith: filósofo e economista – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos

- N. 36 Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica – Airton Luiz Jungblut
- N. 37 As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial – Luiz Mott
- N. 39 Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo – Gentil Corazza
- N. 40 Corpo e Agenda na Revista Feminina – Adriana Braga
- N. 41 A (anti)filosofia de Karl Marx – Leda Maria Paulani
- N. 42 Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa” – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistemática de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo – Gérard Donnadieu
- N. 45 A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica – Lothar Schäfer
- N. 46 “Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missioneiro no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju – Ceres Karam Brum
- N. 47 O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter – Achyles Barcelos da Costa
- N. 48 Religião e elo social. O caso do cristianismo – Gérard Donnadieu
- N. 49 Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras – Evilázio Teixeira
- N. 51 Violências: O olhar da saúde coletiva – Élda Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 Ética e emoções morais – Thomas Kesselring
Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Adriano Naves de Brito
- N. 53 Computação Quântica. Desafios para o Século XXI – Fernando Haas
- N. 54 Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil – An Vranckx
- N. 55 Terra habitável: o grande desafio para a humanidade – Gilberto Dupas
- N. 56 O decrescimento como condição de uma sociedade convivial – Serge Latouche
- N. 57 A natureza da natureza: auto-organização e caos – Günter Küppers
- N. 58 Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades – Hazel Henderson
- N. 59 Globalização – mas como? – Karen Gloy
- N. 60 A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida – Cesar Sanson
- N. 61 Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo – Regina Zilberman
- N. 62 Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude – Cátia Andressa da Silva
- N. 64 Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo – Artur Cesar Isaia
- N. 65 Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical – Léa Freitas Perez
- N. 66 Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675) – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa – João Guilherme Barone
- N. 68 Contingência nas ciências físicas – Fernando Haas

- N. 69 A cosmologia de Newton – Ney Lemke
N. 70 Física Moderna e o paradoxo de Zenon – Fernando Haas
N. 71 O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade – Miriam de Souza Rossini
N. 72 Da religião e de juventude: modulações e articulações – Léa Freitas Perez
N. 73 Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa – Eduardo F. Coutinho
N. 74 Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho – Mário Maestri
N. 75 A Geologia Arqueológica na Unisinos – Carlos Henrique Nowatzki
N. 76 Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto – Ana Maria Lugão Rios
N. 77 Progresso: como mito ou ideologia – Gilberto Dupas
N. 78 Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda – Octavio A. C. Conceição
N. 79 Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul – Moacyr Flores
N. 80 Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território – Arno Alvarez Kern
N. 81 Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula – Gláucia de Souza
N. 82 Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de “sindicalismo populista” em questão – Marco Aurélio Santana
N. 83 Dimensões normativas da Bioética – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
N. 84 A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza – Attico Chassot
N. 85 Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo – Patrícia Almeida Ashley
N. 86 Autonomia na pós-modernidade: um delírio? – Mario Fleig
N. 87 Gauchismo, tradição e Tradicionalismo – Maria Eunice Maciel
N. 88 A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz – Marcelo Perine
N. 89 Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade – Laurício Neumann
N. 90 Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida – Maria Cristina Bohn Martins
N. 91 Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo – Franklin Leopoldo e Silva
N. 92 Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática – Daiane Martins Bocasanta
N. 93 A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro – Carlos Alberto Steil
N. 94 Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos – Cesar Sanson
N. 95 De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência – Peter A. Schulz
N. 96 Vianna Moog como intérprete do Brasil – Enildo de Moura Carvalho
N. 97 A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica – Marinês Andrea Kunz
N. 98 Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões – Susana Maria Rocca Larrosa
N. 99 Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house – Vanessa Andrade Pereira
N. 100 Autonomia do sujeito moral em Kant – Valerio Rohden
N. 101 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1 – Roberto Camps Moraes
N. 102 Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência – Adriano Premebida
N. 103 ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso – Eliane Schlemmer



- N. 104 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2 – Roberto Camps Moraes
- N. 105 Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos – Paula Corrêa Henning
- N. 107 Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático? – Telmo Adams
- N. 109 Transumanismo e nanotecnologia molecular – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 Formação e trabalho em narrativas – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda – Denis Gerson Simões
- N. 113 Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro – Sonia Montão
- N. 115 Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites – Carlos Daniel Baioto
- N. 116 Humanizar o humano – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 Colonizando e descolonizando mentes – Marcelo Dascal
- N. 119 A espiritualidade como fator de proteção na adolescência – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 A dimensão coletiva da liderança – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos – Eduardo R. Cruz
- N. 122 Direito das minorias e Direito à diferenciação – José Rogério Lopes
- N. 123 Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios – Wilson Engelmann
- N. 124 Desejo e violência – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 As nanotecnologias no ensino – Solange Binotto Fagan
- N. 126 Câmara Cascudo: um historiador católico – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável – Paulo Roberto Martins
- N. 131 A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 Linguagem, singularidade e atividade de trabalho – Marlene Teixeira e Éderson de Oliveira Cabral
- N. 133 A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Nicklass Luhmann – Leonardo Grison
- N. 134 Motores Biomoleculares – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 As redes e a construção de espaços sociais na digitalização – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras – Rodrigo Marques Leister
- N. 137 Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstruem suas vidas – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis – Maria Cristina Bohn Martins

- N. 139 Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades – Marise Borba da Silva
- N. 140 Platão e os Guarani – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 Direitos humanos na mídia brasileira – Diego Airosa da Motta
- N. 142 Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio – Greyce Vargas
- N. 143 Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 Inclusão e Biopolítica – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente – Bianca Sordi Stock
- N. 146 Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD – Camila Moreno
- N. 147 O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais – Caetano Sordi
- N. 148 Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS – Fernanda Schutz
- N. 149 Cidadania, autonomia e renda básica – Josué Pereira da Silva
- N. 150 Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética – José Rogério Lopes
- N. 151 As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou “por que voltar ao México 100 anos depois” – Claudia Wasserman
- N. 153 Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate – Stefano Zamagni
- N. 154 Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'ýikue no município de Caarapó-MS – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica – Stefano Zamagni
- N. 156 Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento – Stefano Zamagni
- N. 158 “Passemos para a outra margem”: da homofobia ao respeito à diversidade – Omar Lucas Perrout Fortes de Sales
- N. 159 A ética católica e o espírito do capitalismo – Stefano Zamagni
- N. 160 O Slow Food e novos princípios para o mercado – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião – André Brayner de Farias
- N. 162 O modus operandi das políticas econômicas keynesianas – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas – André Luiz da Silva
- N. 164 Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich? – Serge Latouche
- N. 165 Agostos! A “Crise da Legalidade”: vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 Convivialidade e decrescimento – Serge Latouche
- N. 167 O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 O decrescimento e o sagrado – Serge Latouche
- N. 169 A busca de um ethos planetário – Leonardo Boff
- N. 170 O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo – Marco Antonio de Abreu Scapini

- N. 171 Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes – Gerson Egas Severo
- N. 172 Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais – Bruno Pucci
- N. 173 Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral – João Roberto Barros II
- N. 174 Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas – Marcelo Fabri
- N. 175 Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 Um caminho de educação para a paz segundo Locke – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzos – Lenio Luiz Streck
- N. 179 Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro – José Rogério Lopes
- N. 183 A Europa e a ideia de uma economia civil – Stefano Zamagni
- N. 184 Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como “discurso-limite”) – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade – Stefano Zamagni
- N. 186 A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados – Joseane Mariéle Schuck Pinto
- N. 187 Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção – Luis David Castiel
- N. 189 Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero – Marlene Tamanini
- N. 190 Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito – Claudia Fonseca
- N. 191 #VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 A ciência em ação de Bruno Latour – Leticia de Luna Freire
- N. 193 Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico – Adolfo Nicolás
- N. 197 Brasil: verso e reverso constitucional – Fábio Konder Comparato
- N. 198 Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari

- N. 200 Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética – Jordi Maiso
- N. 202 Fim da Política, do Estado e da cidadania? – Roberto Romano
- N. 203 Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania – Maria da Glória Gohn
- N. 204 As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend – Miguel Ângelo Flach
- N. 205 Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro – Fábio Konder Comparato
- N. 206 Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual – Karla Saraiva
- N. 207 Territórios da Paz: Territórios Produtivos? – Giuseppe Cocco
- N. 208 Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 As possibilidades da Revolução em Ellul – Jorge Barrientos-Parra
- N. 210 A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben – Márcia Rosane Junges
- N. 211 Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo – Sandra Caponi
- N. 212 Verdade e História: arqueologia de uma relação – José D’Assunção Barros
- N. 213 A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ – José Odello Schneider
- N. 214 Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze – Sandro Chignola
- N. 215 Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação – Alejandro Rosillo Martínez
- N. 216 A realidade complexa da tecnologia – Alberto Cupani
- N. 217 A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend – Hans Georg Flickinger
- N. 218 O ser humano na idade da técnica – Humberto Galimberti
- N. 219 A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre – Halina Macedo Leal
- N. 220 O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil – José Eduardo Franco
- N. 221 Neurofuturos para sociedades de controle – Timothy Lenoir
- N. 222 O poder judiciário no Brasil – Fábio Konder Comparato
- N. 223 Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão – Jesús Conill Sancho
- N. 224 O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867) – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais – Xavier Albó
- N. 226 Justiça e perdão – Xabier Etxeberria Mauleon
- N. 227 Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor) – Martín Almada
- N. 228 A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo – Sandro Chignola
- N. 229 Um olhar biopolítico sobre a bioética – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida – Jesús Conill Sancho
- N. 232 Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança – Elsa Cristine Bevia
- N. 234 O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira – Róber Iturriet Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945) – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 Economias Biopolíticas da Dívida – Michael A. Peters

- N. 237 Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação – Halina Macedo Leal
- N. 238 O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global? – Leandro Inácio Walter
- N. 239 Brasil: A dialética da dissimulação – Fábio Konder Comparato
- N. 240 O irrepresentável – Homero Santiago
- N. 241 O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 Uma crise de sentido, ou seja, de direção – Stefano Zamagni
- N. 243 Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão – Dirce Koga
- N. 244 A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal – Alexandre Filordi de Carvalho
- N. 245 Esquecer o neoliberalismo: aceleração como terceiro espírito do capitalismo – Moisés da Fontoura Pinto Neto
- N. 246 O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo – Andrea Fumagalli
- N. 247 Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo – Dora Lilia Marín-Díaz
- N. 248 Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia – Roberto Romano
- N. 249 Jesuítas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLA-CIAS (1966-1980) – Iraneidson Santos Costa
- N. 250 A Liberdade Viggiada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira – Francini Lube Guizardi
- N. 252 A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades? – Vinícius Nicastro Honesko
- N. 254 Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva – Jean-Bosco Kakozi Kashindi
- N. 255 Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles – Marcelo Castañeda
- N. 256 Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização – Altair Sales Barbosa
- N. 258 O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder – Rodrigo Karmy Bolton
- N. 259 Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical? – Moisés Pinto Neto
- N. 260 Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre? – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo – Henrique Costa
- N. 262 As sociabilidades virtuais glocalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira – Sauro Bellezza
- N. 264 Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS) – Stela N. Meneghel
- N. 265 Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos – Aline Albuquerque
- N. 267 O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil – Giuseppe Tosi
- N. 268 Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia? – Alana Moraes de Souza

- N. 269 A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna – Viviane Zarembski Braga
- N. 271 O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza – Flavio Williges
- N. 272 Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana – Rafael Lopez Villasenor
- N. 273 Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira – Celso Gabatz
- N. 274 Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo – Acauam Oliveira
- N. 275 Tendências econômicas do mundo contemporâneo – Alessandra Smerilli
- N. 276 Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord – Atilio Machado Peppe
- N. 277 O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social – José Roque Junges
- N. 278 Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco
- N. 279 O mal-estar na cultura medicamentalizada – Luis David Castiel
- N. 280 Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia – Alain Gignac
- N. 281 A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual – Mário José Maestri Filho
- N. 282 A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo – Angela Ganem
- N. 283 Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome – Armando de Melo Lisboa
- N. 284 Renda básica em tempos difíceis – Josué Pereira da Silva
- N. 285 Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras – Ricardo de Jesus Machado
- N. 286 O “velho capitalismo” e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço – Luiz Gonzaga Belluzzo
- N. 287 A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk – Itamar Soares Veiga
- N. 288 Para arejar a cúpula do judiciário – Fábio Konder Comparato
- N. 289 A Nova Previdência via de transformação estrutural da seguridade social brasileira – Marilinda Marques Fernandes
- N. 290 A Universidade em busca de um novo tempo – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
- N. 291 Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo – Róber Iturriet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
- N. 292 As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras – Aloir Pacini
- N. 293 Mudança de paradigma pós- crise do coronavírus – Fábio Carlos Rodrigues Alves
- N. 294 O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî – Faustino Teixeira
- N. 295 Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um constitucionalismo que não é para valer – Cristiano de Melo Bastos
- N. 296 O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade – Maria Isabel Mendes de Almeida
- N. 297 Escatologias tecnopolíticas contemporâneas – Ednei Genaro
- N. 298 Narrativa de uma Travessia – Faustino Teixeira
- N. 299 Efeito covid-19: espaço liso e Bem Viver– Wallace Antonio Dias Silva
- N. 300 Zeitgeist pós-iluminista e contrarrevolução cientificista na análise econômica– Armando de Melo Lisboa

- N. 301 Educação, tecnologias 4.0 e a estetização ilimitada da vida: pistas para uma crítica curricular– Roberto Rafael Dias da Silva
- N. 302 Mídia, infância e socialização: perspectivas contemporâneas - Renata Tomaz
- N. 303 A colonialidade do poder no direito à cidade: a experiência do Cais Mauá de Porto Alegre - Karina Macedo Gomes Fernandes
- N. 304 Ártico, o canário da mina para o aquecimento global - Flavio Marcelo de Mattos Paim
- N. 305 A transformação dos atores sociais em produção e recepção: trajeto empírico-metodológico de uma pesquisa - Aline Weschenfelder
- N. 306 Impactos Ambientais de Parques Eólicos no Semiárido Baiano: do licenciamento atual a novas perspectivas - Rosana Batista Almeida
- N. 307 História de José, O Carpinteiro, como narratividade de Esperança - Patrik Bruno Furquim dos Santos
- N. 308 Violências, injustiças e sofrimento humano: o impacto das desigualdades sociais nas percepções de Martín-Baró, Ricoeur e Nietzsche - Lina Faria e Rafael Andrés Patino
- N. 309 Catadores de materiais recicláveis: novos sujeitos de direitos na construção da sustentabilidade ambiental - Mariza Rios e Giovanna Rodrigues de Assis
- N. 310 A imagem do pobre nos filmes de Pasolini e Glauber como chave para compreender a ação do capitalismo - Vladimir Lacerda Santafé
- N. 311 Aprendizados no campo da metodologia de orientação acadêmica - Faustino Teixeira
- N. 312 O Desespero Inconsciente de Kierkegaard: melancolia, preguiça, vertigem e suicídio - Paulo Abe
- N. 313 Os Direitos Humanos como parâmetro para as democracias contemporâneas: o caso brasileiro - José Dalvo Santiago da Cruz
- N.314 Algoritmização da vida: a nova governamentalização das condutas - Castor M.M. Bartolomé Ruiz
- N. 315 Capital e ideologia de Thomas Piketty: um breve guia de leitura - Alexandre Alves
- N. 316 "Ecologia com espírito dentro": sobre Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno - Nicole Soares Pinto
- N. 317 A chacinagem dos chiquitanos - Aloir Pacini e Loyuá Ribeiro F. M. da Costa
- N. 318 Mestre Eckhart: Deus se faz presente enquanto ausência de imagens e de privilégios - Matteo Raschiatti
- N. 319 Indígenas nas cidades: memórias "esquecidas" e direitos violados - Alenice Baeta
- N. 320 Pindó Poty é Guarani! - Roberto Antonio Liebgott e Aloir Pacini
- N. 321 Desbravar o Futuro. A antropotecnologia e os horizontes da hominização a partir do pensamento de Peter Sloterdijk - Rodrigo Petronio
- N. 322 A Trajetória Metodológica Suscitadora de Jesús Martín-Barbero - Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre
- N. 323 O capitalismo de crise: lógicas e estratégias de dominação - Luiz Inácio Gaiger
- N. 324 O trabalho humano no magistério do Papa Francisco - André Langer
- N. 325 Uma discussão acerca da liberdade da consciência humana: convergências e divergências entre Kierkegaard e Lutero - Heloisa Allgayer e Rafael Francisco Hiller
- N. 326 Técnica e Ética no contexto atual - Oswaldo Giacoia Junior
- N. 327 O amor ao próximo como categoria ética em Simone Weil - Ana Lúcia Guterres Dias

 UNISINOS